

O gato de botas

Charles Perrault

Um moleiro não deixou para os três filhos nada além de seu moinho, de seu burro e de seu gato. Imediatamente fez-se a partilha dos bens, sem ser preciso chamar o advogado e o tabelião, que logo teriam devorado todo o pobre patrimônio. O mais velho ficou com o moinho e o segundo com o burro, restando ao mais novo apenas o gato.

Este último, incapaz de se consolar com a modesta parte que lhe coubera, dizia:

– Os meus irmãos, trabalhando juntos, poderão ganhar a vida honestamente; mas eu, depois que tiver comido o meu gato e fizer com o pelo dele um rolinho para esquentar as mãos, irei morrer de fome.

O gato, ouvindo bem essas palavras, mas sem demonstrar que ouvia, disse-lhe então, com ar ponderado e sério:

– Não fique aflito, mestre, basta você me dar um saco e mandar fazer para mim um par de botas para eu entrar nos matagais, e logo verá que não se saiu tão mal assim na partilha como pensa.

Embora não confiasse muito nisso, o dono do gato já o tinha visto fazer tantas proezas para pegar ratos e camundongos, como se dependurar pelas patas ou se esconder na farinha

bancando o morto, que manteve esperança de poder ser ajudado em seu desamparo.

Depois de conseguir tudo o que havia pedido, o gato calçou as botas, todo prosa,

pendurou o saco no pescoço, puxando os cordões com as duas patas da frente, e foi para um

matagal onde havia coelhos em grande quantidade. Botou no saco um pouco de farelo com verdura e, esticando-se como se estivesse morto, esperou que algum coelho novo, ainda

pouco iniciado nas espertezas do mundo, viesse se enfiar no saco para comer o que ele tinha posto lá.

Mal se espichou no chão, o Gato de Botas se encheu de alegria; um coelhinho estouvado

entrou no saco e ele logo o pegou, puxou na mesma hora os cordões e o matou sem piedade.

Todo orgulhoso de sua presa, foi até o palácio do rei e pediu para lhe falar. Ao subir

para o apartamento de Sua Majestade, onde lhe fez uma grande reverência, assim que entrou disse ao rei:

– Majestade, trago este coelho do mato que o senhor marquês de Carabás – (foi o nome que lhe deu na veneta atribuir a seu dono) – me encarregou de lhe oferecer de sua parte.

– Diga a seu dono – respondeu o rei – que eu o agradeço pelo prazer que me causou.

De outra vez, ele se escondeu numa plantação de trigo, tendo sempre seu saco aberto; assim que duas perdizes entraram, ele puxou os cordões e pegou as duas. Foi em seguida oferecê-las ao rei, como tinha feito com o coelho do mato. O rei recebeu com igual prazer as duas perdizes e mandou que lhe dessem uma gratificação.

De tempos em tempos, por dois ou três meses, o gato continuou levando para o rei alguma caça proveniente de seu dono. No dia em que soube que o rei deveria ir passear de carruagem pela beira do rio, em companhia da filha, a princesa mais bonita do mundo, o gato disse a seu dono:

– Se quiser aceitar o meu conselho, sua fortuna já está garantida; tudo o que você tem de fazer é ir tomar um banho no rio, num lugar que vou lhe mostrar, e deixe o resto por minha conta.

O marquês de Carabás fez o que o gato lhe aconselhou, mesmo sem saber para que serviria aquilo. O rei, então, passou por lá enquanto ele se banhava, e o gato começou a gritar com toda a força que tinha:

– Socorro! Socorro! O marquês de Carabás está se afogando!

A esse grito, o rei pôs a cabeça pela portinhola e, reconhecendo o gato que tantas vezes tinha lhe levado animais caçados, ordenou a seus guardas que a toda pressa fossem socorrer o marquês de Carabás. Enquanto tiravam o pobre marquês do rio, o gato se aproximou da carruagem e disse ao rei que, no momento em que seu dono banhava-se no rio, chegaram uns ladrões e levaram a roupa dele, apesar de ele ter gritado bem alto: “Pega ladrão!”; e o gato pilantra a escondera debaixo de uma pedrona.

Imediatamente o rei mandou que os encarregados de sua rouparia fossem buscar um de seus trajes mais belos para o senhor marquês de Carabás. O rei desmanchou-se em gentilezas com ele e, como as roupas bonitas que trouxeram tinham realçado a boa aparência do jovem (pois ele, além de bonito, era benfeito de corpo), a filha do rei achou-o muito a seu gosto; e foi só o conde de Carabás

1

lançar-lhe uns dois ou três olhares dos mais respeitosos,

porém um pouco calorosos, para ela se apaixonar loucamente por ele. O rei convidou-o a subir em sua carruagem para participar do passeio. O gato, entusiasmado ao ver que o plano já começava a dar certo, saiu na frente e, ao encontrar alguns camponeses a roçar um pasto, disse a eles:
– Olá, gente boa, olá ceifadores, se vocês não disserem ao rei que este pasto que estão roçando pertence ao senhor marquês de Carabás, todos serão feitos em pedacinhos como carne para patê.

O rei não deixou de perguntar aos ceifadores de quem era o pasto que eles roçavam.

– É do senhor marquês de Carabás – todos disseram juntos, pois temiam a ameaça do gato.

– Que bela herança você tem aí, hein? – disse o rei ao marquês de Carabás.

– Pois é, Majestade – respondeu o marquês –, é um pasto que não para de render, todos os anos, bons lucros.

O Gato de Botas, andando sempre na frente, encontrou trabalhadores colhendo trigo e

lhes disse:

– Olá, gente boa, olá, colhedores, se vocês não disserem ao rei que todas essas

plantações de trigo pertencem ao senhor marquês de Carabás, todos serão feitos em

pedacinhos como carne para patê.

O rei, passando por ali no momento seguinte, quis saber de quem eram as plantações

que ele via.

– São do senhor marquês de Carabás – responderam os trabalhadores, e o rei ficou

ainda mais satisfeito com o marquês. O gato, que ia adiante da carruagem, dizia sempre a

mesma coisa a todos que encontrava; e o rei muito se admirava com os grandes bens do

senhor marquês de Carabás.

O Gato de Botas chegou, enfim, a um belo castelo cujo dono era um ogro, o castelo mais

rico que já se tinha visto, pois todas as terras pelas quais o rei havia passado estavam em

seus domínios. O gato, que tivera o cuidado de se informar sobre quem era esse ogro e o que

ele sabia fazer, pediu para falar com ele, pois não podia passar tão perto de seu castelo sem

ter a honra de cumprimentá-lo.

O ogro, recebendo-o com toda a polidez de que é capaz um ogro, convidou-o a sentar-se.

– Garantiram-me – disse o gato –, que o senhor teria o dom de se transformar em qualquer espécie de animal; que poderia, por exemplo, transformar-se num leão, num elefante?

– É verdade – respondeu bruscamente o ogro –, e, para lhe mostrar, você vai ver eu me tornar um leão.

O gato ficou tão apavorado ao ter pela frente um leão que na mesma hora foi se agarrar às calhas, não sem dificuldade, e com perigo, por causa de suas botas, que não lhe serviam de nada para andar no telhado.

Algum tempo depois, ao ver o ogro abandonar a forma assumida antes, o gato desceu e confessou ter sentido muito medo.

– Garantiram-me ainda – disse o gato –, mas nisto eu não acredito mesmo, que o senhor também teria o poder de assumir a forma de um animal bem pequeno, de se transformar num rato, por exemplo, ou num camundongo. Confesso que considero isso totalmente impossível.

– Impossível? – replicou o ogro. – Pois então você vai ver. – E no mesmo instante ele se transformou num camundongo que saiu a correr pelo assoalho. O gato, assim que o notou, atirou-se sobre ele e o comeu.

Enquanto isso, o rei, ao passar pelo belo castelo do ogro, teve vontade de entrar. O

gato, ouvindo o barulho da carruagem, que já atravessava a ponte levadiça, foi correndo

encontrá-los e disse ao rei:

– Que Vossa Majestade seja bem-vinda ao castelo do senhor marquês de Carabás.

– Como, senhor marquês! – exclamou o rei. – Então este castelo também é seu! Não há

nada mais bonito que este pátio com todas as construções que o rodeiam; deixe-me ver o interior, por favor.

O marquês deu a mão à jovem princesa e, seguindo o rei, que subia à frente, entraram

numa grande sala onde encontraram uma refeição magnífica, preparada a mando do ogro para os amigos dele, que deveriam vir visitá-lo nesse mesmo dia, mas não ousaram entrar

quando souberam da presença do rei. O rei, encantado com as propriedades do senhor

marquês de Carabás, assim como sua filha, que estava louca por ele, e vendo os grandes

bens que possuía, disse-lhe, após ter bebido cinco ou seis copos de vinho:

– Só depende do senhor, caro marquês, querer se tornar meu genro.

O marquês, fazendo grandes reverências, aceitou a honra que o rei lhe concedia; casou-

se no mesmo dia com a princesa. O gato tornou-se um grão-senhor e nunca mais correu atrás de ratos, a não ser para se divertir.

MORAL

Por maior que seja a bonança
De gozar de uma grande herança
Que aos filhos vem dos próprios pais,
Pra quem é jovem, geralmente,
Ser só capaz e diligente
Vale mais que os bens ancestrais.

OUTRA MORAL

Se o filho de um moleiro, assim tão depressa,
Ganha um coração de princesa
E da mesma recebe olhares tão ardentes,
É que a roupa, a juventude e a figura,
Para inspirar tanta ternura,
Não serão meios para sempre indiferentes.